www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 11. Antropologia das Práticas Juvenis

Coordenador(es):
Frank Nilton Marcon (UFS - Universidade Federal de Sergipe)
Mylene Mizrahi (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

O presente GT tem como como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclusão ou em andamento, que tenham como foco de investigação as práticas juvenis em suas mais diversas expressões. Mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do século XX, produziram alterações significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudanças no conjunto das experiências que por muito tempo definiram os sentidos de “ser jovem” e “ser adulto”. Atualmente, as pesquisas antropológicas tem lançado mão de diferentes abordagens teóricas e metodológicas para a compreensão das práticas juvenis, das quais se destacam a influência das teorias da agência, dos estudos sobre performactivity, das abordagens disposicionalistas, como também de uma releitura dos Cultural Studies. Desse modo, fazer uma antropologia das práticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se não apenas de estar atento às mudanças nos repertórios de sentidos acionados pelos/as jovens, como também de se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Serão aceitas para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das práticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; gênero, sexualidade e relações étnico-raciais; educação, trabalho e profissionalização; arte, estética e performactivity; entre outros

?É nós por nós?: diversão, solidariedade e política entre jovens periféricos de Alagoas.

Autoria: Adson Ney dos Santos Amorim (UFAL - Universidade Federal de Alagoas), Fernando de Jesus Rodrigues

A partir de etnografia em ?bairros de periferia?, bem como da atuação em movimentos populares e redes de solidariedade em favelas de Maceió/Alagoas, inclusive durante a pandemia, nos interessamos por transformações de agências políticas e estéticas expressas por ?jovens periféricos? desde 2016. Partimos de colaboração etnográfica em diferentes margens urbanas. De um lado, nos baseamos em registros do cotidiano, durante um ano, em um bairro altamente estigmatizado, a partir da atuação de um dos autores nas brigadas urbanas de work de base do MST. De outro, em registros feitos na circulação por grotas, quebradas e bailes de reggae, produzidos em pesquisa anterior sobre circuitos de lazer popular em Alagoas. Problematizamos os entrelaçamentos entre três processos recentes: 1. declínio do reggae e ascensão do bregafunk como linguagem de diversão e visibilidade entre jovens periféricos; 2. Reconfigurações das disputas por espaço e redes de pessoas através da assistência social por movimentos sociais com atuação na base, ligados a grupos partidários e empresariais; 3. O rompimento da aliança CV/PCC e a reconfiguração de zonas de mobilidade e mercados ilegais em periferias de Maceió, a partir de 2016. Destacamos, de um lado, sociabilidades de garotos que se organizam em coletivos de dançarinos e bancas de MCs, circulando em competições ? muitas vezes sobre olhares de reprovação de vizinhos ? com grupos de outras quebradas ou de rolê em ?bairros nobres?. Propomos uma cartografia das mobilizações estético-políticas da ostentação, nas músicas e vestimentas dos grupos para os MCs BH e O cria, e de demonstrações de orgulho pela favela e o desejo de desfrutar da cidade. Por outro lado, vimos o surgimento de tramas ambivalentes de ?partilha do sensível? e ?desentendimento?, no sentido de Ranciére, entre bregafunkeiros e jovens ligados a movimentos populares e à igreja católica, a partir de tensionamentos entre diferentes regimes normativos depreendidos de suas ideias e posturas. Os jovens engajados em movimentos populares se mobilizam em torno de uma

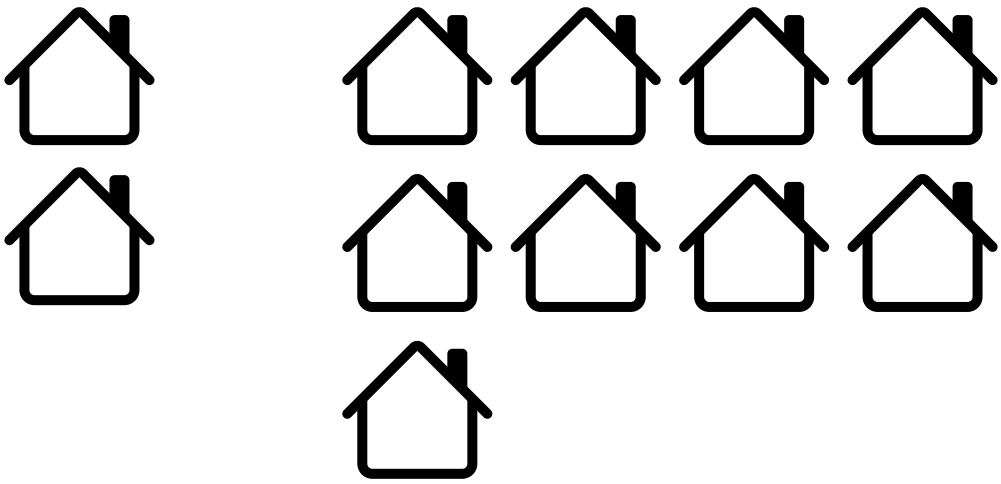
 ISBN: 978-65-87289-08-3

agenda de ações de solidariedade e educação popular no mesmo bairro. Vindos de estratos que vivem menos instabilidades nas ocupações econômicas dos pais e melhor aquinhoados de títulos de educação entre grupos que distintamente se reconhecem como periféricos, mobilizam-se a partir de uma perspectiva de solidariedade com os mais pobres, combatendo o descaso do poder público e o crescimento da vulnerabilidade nas periferias, sintetizada em falas como "Se eles não faz nada, aqui é nós por nós". Focaremos nos ideais de associação-mobilização que norteiam estes jovens, levando em conta os trânsitos dos adolescentes entre fronteiras de mercados culturais, informais e criminais em batalhas por respeito e sobrevivência.

Trabalho completo

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**